

OS ESQUECIDOS E AS CORES DA CIDADE

Idealizadores do projeto descobriram fotografias coloridas de autoria de anônimos que registraram a empreitada de JK

CAMILA MOLINA

Ao receber o convite para participar da 25.^a Bienal de São Paulo (2002), o fotógrafo alemão Michael Wesely ficou “perplexo” com a arquitetura do pavilhão projetado por Oscar Niemeyer. A curiosidade o levou a Brasília. “Encontrei um lugar memorável”, diz Wesely, que visitou a cidade pela primeira vez naquele momento. “Os brasileiros têm sobre Brasília um conceito diferente dos europeus, que pensam em tudo, menos no contexto da cidade”, afirma.

A primeira ideia que teve foi a de fotografar ele mesmo a capital. Para isso, Wesely começou a pesquisar imagens da cidade em livros. Tudo o que encontrou tratava de arquitetura e, no final das contas, as edições traziam as mesmas “vinte fotografias de sempre” – históricas, que se tornaram, até hoje, uma espécie de iconografia oficial de Brasília. Incomodado com a situação, em 2002 Wesely foi ao Arquivo Público do Distrito Federal. “Vi fotografias fascinantes e fortes sobre um momento muito utópico”.

Foi o ponto de partida de um projeto de fôlego – o de revelar Brasília e sua história por meio de imagens de outros autores, anônimos ou não. Wesely percebeu que não poderia mergulhar nessa empreitada sozinho, convidando então a artista brasileira Lina Kim (hoje casada com ele) para a pesquisa que se transformou no livro *Arquivo Brasília*, trabalho que a dupla realizou por sua conta e que está sendo publicado pela Cosac Naify.

No total, nos últimos sete anos, entre Berlim (onde vivem) e Brasília, Wesely e Lina pesquisaram em arquivos públicos e privados mais de cem mil fotos, slides e negativos. Digitalizaram 4 mil imagens e chegaram a um total de 1.410 fotografias agora publicadas no livro. Em passagem por São Paulo, eles concederam uma entrevista ao *Estado* sobre o projeto, que, segundo Michael Wesely, poderá também ser exibido em um museu alemão.

● Os senhores consideram *Arquivo Brasília* um trabalho exclusivamente de pesquisa, e não um projeto artístico, já que não há fotos de sua autoria no livro?

Lina – É um projeto artístico sim, de reconstituição histórica. Brasília é sempre ligada à arquitetura e, então, resolvemos fazer um trabalho sobre o processo civilizatório de uma cidade, desde as pessoas que foram trabalhar na construção da capital. A pesquisa começou com imagens deterioradas pelo tempo. É um trabalho de arqueologia, embasado numa estrutura antropológica de processos humanos, culturas, migrações. Por conta disso fomos atrás de vários arquivos.

Wesely – Nesse processo, percebemos que cada vez mais se revelava uma história que não está nos livros.

● Mas foi a descoberta de uma história apenas por meio de imagens?

Lina – Você vê uma imagem e se pergunta: De onde vem isso? Como isso foi construído aqui? Onde estão essas pessoas? Foi chocante para nós porque havia muitas linhas de trabalho. Conversamos com muitas pessoas, com especialistas. Tanto que os textos do livro dão ordem a esse arquivo que fizemos. Brasília não é somente uma cidade construída com belos edifícios, é muito intensa. Vimos, por exemplo, histórias das casas de madeira da Cidade Livre, chamada assim porque os migrantes que foram para Brasília para construir a capital deveriam deixá-la depois de pronta.

● Como era o estado de conservação das fotografias levantadas nessa pesquisa?

Lina – Não há um olhar cultural sobre os arquivos e não há funcionários públicos especializados nisso. Encontramos imagens coloridas que estavam em péssimas

condições, todas em vermelho. Geralmente, não se vê imagens antigas de Brasília em cores, só se encontra as em preto e branco. Escutamos, desde o início, que havia imagens coloridas, mas ninguém sabia onde estavam.

Wesely – Não vimos paixão no trabalho que eles fazem. Para ser um arquivista, tem de se dedicar anos a isso. Diante de um espectro de milhares de imagens, quando, uma editora – a Phaidon, por exemplo – pede uma imagem da construção de Brasília, geralmente os arquivistas colocam à disposição as imagens de sempre, exaustivamente reproduzidas. Na Alemanha, todos são muito preocupados com arquivos, com a questão da preservação. Gasta-se milhões de euros em arquivos; outro tanto em conservação. É muito diferente do Brasil. Mas não há juízo de valor em nosso projeto. Basicamente, recriamos um novo arquivo que se torna acessível para o público discutir suas próprias questões.

● Afinal, nada foi digitalizado pelas instituições públicas?

Lina – Sim, nada foi digitalizado. Durante a pesquisa, nosso acordo com os arquivos era o de levar para a Alemanha as fotos a fim de escaneá-las e devolvê-las digitalizadas. Nosso trabalho também incluiu a restauração dessas imagens com assistentes. Algumas tinham fungos, demorávamos dias para limpá-las. É muito triste. Muitas vezes não há datas nem informações sobre as fotos, guardadas dentro de envelopes em fichários de metal. Os arquivos públicos não recebem dinheiro; então, o que fizemos foi doar computadores e scanners para dar prosseguimento à digitalização das imagens.

Wesely – Foi um incentivo. No Arquivo Público, você procura uma foto que está em um envelope e dentro dele descobre várias outras imagens que ninguém nem sabia! Não há catalogação.

Lina – E nesse processo, nos casamos, tivemos filhos.

● Poderiam destacar algumas surpresas dessa pesquisa?

Lina – Vimos muitas fotos feitas por estrangeiros, que foram convidados para a inauguração de Brasília – caso de Gautherot, por exemplo –, e imagens realizadas por anônimos, como as de um homem bem simples, Mario Fontenelle. Juscelino deu câmeras para ele, que não era um profissional da área, mas um mecânico. Foi surpreendente, ele se transformou no herói de nosso projeto!

Wesely – Há retratos de Fontenelle em que ele está com duas câmeras. Pensamos: “Uma era para preto e branco e outra, para fotografia colorida. Daí concluímos: há imagens coloridas em algum lugar. A Kodak fez filmes coloridos em 1957.”

Lina – Descobrir as fotos coloridas foi o melhor da pesquisa, seguindo-se as imagens dos anônimos, que descobrimos por meio do grupo Pioneiros de Brasília. Outra surpresa foi o Paulo Manhães, que chegou a Brasília com 16 anos. Há fotos ótimas dele, da Vila Amaury, onde havia uma favela do Lado Sul da cidade. Agora lá está o lago (Paranoá) e a história da vila virou mito.

● Vocês conseguiram imagens de todas as décadas, desde os anos 1950?

Wesely – Não, há lacunas referentes aos anos 1980 e talvez aos anos 1970.

● Brasília, então, pode ser um mistério?

Lina – Não, ela é um fato. Mas sua história é muito mais intrigante do que se sabe. Não queremos ensinar nada com esse projeto, mas materializar um conceito. É um trabalho conceitual. São cortes sobre uma civilização. Enfim, o projeto fala sobre restaurar e trazer dignidade à história do lugar e das pessoas por meio de imagens. Sofremos vários confrontos durante o processo. Temos cada um nosso trabalho artístico. Brasília é um assunto muito obscuro para os brasileiros, que não acreditam em projetos sobre a capital – sempre querem trabalhos sobre Niemeyer, Lucio Costa, a arquitetura, o plano piloto, mas nunca sobre o crédito na utopia da construção de Brasília ou mesmo sobre as pessoas que a construíram.

A má conservação dos originais esteve perto de comprometer de forma irreversível a história dos primeiros tempos do DF